

REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO COLUNISMO SOCIAL DE ELVIRA RAULINO N' O *DIA*

[ARTIGO]

Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho

Universidade Federal do Piauí

Mayara Stéphanie de Lacerda Valença

Universidade Federal do Piauí

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Tendo em vista a imprensa enquanto produto social e as reproduções sociais das relações entre gêneros nela presentes, esta pesquisa investigou qual é a representação social das mulheres construída no conteúdo escrito pela jornalista Elvira Raulino, a “papisa do colunismo social do Piauí”, por meio de suas colunas publicadas no jornal *O Dia*. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, por meio da análise do conteúdo aplicada às amostras, à luz da teoria sobre relações de gênero, imprensa regional, representação das mulheres e colunismo social.

Palavras-chave: Jornalismo. Imprensa regional. Colunismo social. Elvira Raulino. Representação das mulheres.

Considering the press as a social product and the social reproductions of relations between genders present in it, this research investigated the social representation of women constructed in the content written by journalist Elvira Raulino, the “popess of social columnism in Piauí”, through her columns published in the newspaper *O Dia*. To this end, qualitative exploratory descriptive research was carried out, through content analysis applied to the samples, in the theoretical light of gender relations, regional press, representation of women, and social columnism.

Keywords: Journalism. Regional press. Social columnism. Elvira Raulino. Representation of women.

Considerando la prensa como producto social y las reproducciones sociales de las relaciones entre géneros presentes en ella, esta investigación investigó la representación social de las mujeres construida en los contenidos escritos por la periodista Elvira Raulino, la “papisa del columnismo social en Piauí”, a través de sus columnas. publicado en el diario *O Dia*. Para ello, se realizó una investigación descriptiva exploratoria cualitativa, mediante análisis de contenido aplicado a las muestras, a la luz teórica de las relaciones de género, la prensa regional, la representación de las mujeres y el columnismo social.

Palabras clave: Periodismo. Prensa regional. Columnismo social. Elvira Raulino. Representación de las mujeres.

Introdução

A comunicação midiática, enquanto produto inserido em uma sociedade, não se exime de produzir ou reproduzir valores sociais naquilo que veicula. Colunas sociais, em particular, posicionam pessoas em lugar de privilégio, no qual apenas indivíduos considerados de relevância suficiente são “dignos” de serem colunáveis. No que tange à imprensa regional, o colunismo social também se faz presente ao colocar sob holofotes a elite daquela região, em um espaço de prestígio, e pode reproduzir valores acerca das relações de gênero da sociedade na qual está inserido.

No Piauí, um exemplo é o colunismo social assinado pela jornalista Elvira Raulino. Considerada a “papisa do colunismo social piauiense” por seus pares, sua coluna social acabou por se atrelar à profissional, personalizando o texto à sua figura ao longo de sua carreira, iniciada em meados dos anos 1960. Um de seus trabalhos mais longevos está presente no jornal piauiense **O Dia**, onde deu início ao colunismo social em veículos impressos, em 1965.

Por um lado, Elvira Raulino se colocava como transgressora de seu tempo. Por outro, nutria amizades com setores conservadores da sociedade teresinense e escrevia para uma empresa com esses ideais. De forma breve, este *paper* traz um relato de pesquisa em âmbito de mestrado, que teve como problema: qual é a representação social das mulheres construída no conteúdo escrito pela jornalista Elvira Raulino por meio do colunismo social publicado no jornal **O Dia**, de 1975 a 1980 e de 1997 a 1998?

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como as mulheres foram representadas na coluna “Elvira Raulino” nesse recorte, considerando a circulação regional do referido diário e os contextos social, político e econômico nos quais ela escreveu para esse veículo em cada período, não apenas por meio da assinatura das publicações, mas também pela atribuição de seu próprio nome à coluna.

Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) investigar como Elvira Raulino reproduziu valores sociais sobre as mulheres por meio da produção do colunismo social em um jornal regional no âmbito piauiense nos anos em foco; b) categorizar a representação das mulheres produzida/reproduzida no conteúdo publicado na coluna assinada por Elvira Raulino, estabelecendo semelhanças e/ou diferenças entre os anos de 1975 e 1980 e de 1997 a 1998.

A pesquisa se justifica pela reflexão e compreensão do colunismo social como subgênero do jornalismo e enquanto prática social, que pode refletir ou reforçar estruturas sociais, econômicas e políticas, em particular, as relações de gênero e a representação das mulheres e de seus papéis na sociedade.

Os recortes em torno das nomenclaturas dadas às colunas escritas por Elvira Raulino não possuem cronologia bem definida, pois, durante a pesquisa, o material consultado não constava de forma integral no Arquivo Público do Piauí, devido à fragilidade dos cadernos que contêm os jornais. No entanto vale reforçar que o foco foi contextualizar sua trajetória, em especial de sua coluna, e da forma regional que foi adotada em seus textos no que diz respeito às

mulheres que ela retratou em seu colunismo social voltado ao jornalismo impresso.

A metodologia escolhida foi a pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, com análise do conteúdo tendo como observável, para este estudo, a coluna escrita por Elvira Raulino no jornal *O Dia*, entre 1975 e 1980, que consta como os primeiros anos nos quais a coluna recebe o seu nome, e de 1997 a 1998, quando ela retorna ao jornal *O Dia* com sua coluna social.

Foi realizada revisão bibliográfica para reconstruir esse contexto de produção da coluna, assim como consulta a depoimentos de cunho autobiográfico já publicados de Elvira Raulino acerca de sua trajetória enquanto colunista, contidos no documentário *Elvira - Verso e reverso da notícia* (2007) e no livro *Os segredos do sucesso de pessoas bem-sucedidas*, compilado por Dina Magalhães (2002), bem como foi utilizado como fonte o livro *10 mulheres antes da hora*, organizado por Fenelon Rocha (2022).

IMPRENSA REGIONAL E COLUNISMO SOCIAL

Alguns autores convergem sobre quais são as características definidoras do jornalismo regional, ainda que não haja consenso sobre as nomenclaturas aplicadas. Santos e Castro (2013) convocam Dornelles ao pontuar que sua produção repercute as notícias locais e regionais. Já o jornalismo local teria aspectos mais de conteúdo que geográficos, ou seja, produzido pela imprensa no interior,

porém com acontecimentos locais mais próximos da comunidade em que está inserido, como bairros e cidades de menor porte, não tornando, porém, a abordagem local critério excludente do regional ou nacional.

Pádua (2016) diferencia o jornalismo local da imprensa regional pela consolidação, nesta última, de uma cobertura que abrange a cidade-sede e municípios do entorno, além de contar com uma estrutura administrativa diferenciada e jornais mais robustos e de maior relevância publicitária.

Dessa forma, percebe-se que os critérios para a configuração de uma imprensa regional, em detrimento de outras classificações, residem não apenas em aspectos geográficos dos conteúdos noticiados, mas também refletem em sua estrutura administrativa, de recursos humanos, tecnológicos e em sua relevância enquanto veículo de publicidade.

Para Castelo Branco (2019), também é fundamental pensar a coexistência com a globalização, com diferentes intensidades de impacto conforme o contexto em que ocorre. Apesar de suas tensões, a autora destaca que a regionalização pode ser buscada enquanto estratégia metodológica, ao reservar espaços midiáticos para conteúdo de caráter regional, de modo a se afirmarem como veículos regionais, e adotar a proximidade e suas singularidades, amplificando a voz de grupos minoritários.

Nesse sentido, o jornal *O Dia* apresentou características de jornalismo regional, abrangendo não apenas a capital Teresina e seu entorno, mas notícias de outros municípios, além de algumas de cunho nacional e até internacional.

REPRESENTAÇÃO FEMININA E O COLUNISMO DE ELVIRA RAULINO

Este tópico traz uma breve contextualização do ecossistema em que Elvira Raulino estava inserida. O jornal **O Dia** foi fundado, segundo Lima (2014), em fevereiro de 1951 pelo professor Raimundo Leão Monteiro, em Teresina, Piauí, e adquirido em 1963 pelo Coronel Otávio Miranda. Monte (2011) também discute a história do periódico e aponta que sua circulação diária teve início em fevereiro de 1964, com aumento do número de páginas e editorias, com edições que variavam de 8 a 16 páginas.

Na década de 1970, estabeleceu endereço na Rua Lizandro Nogueira, centro de Teresina, tendo como diretor-responsável Volmar Miranda, que, segundo Monte (2011), possuía alinhamento político-ideológico com intelectuais apoiadores do golpe civil-militar de 1964, era conservador do ponto de vista social e ligado à Igreja Católica.

Em oposição a esse período de conservadorismo político-ideológico, durante a década de 1970 houve, segundo Sarti (2004), a eclosão do feminismo brasileiro, com discussões acerca da identidade de gênero se consolidando ao final dessa década.

É nessa década que, de acordo com Santos (2018), as editorias femininas, geralmente publicadas aos domingos, passaram a fazer parte do jornal **O Dia**, com a modernização de equipamentos e implementações gráficas. A autora relata a não linearidade dessas editorias ao longo da década de 1970 nesse periódico e, muitas vezes, não tinham

vida longa. Outra característica presente ao longo dessas editorias, conforme a autora, eram os temas vistos como femininos: receitas, dicas de beleza e saúde, colunismo social, notícias de moda, decoração, dicas para manter um bom relacionamento, entre outros. Em 1979, não houve registro de editorias femininas.

Os temas abordados pela jornalista Elvira Raulino contribuíram para a construção da representação das mulheres, particularmente daquelas consideradas da “alta sociedade”, em um jornal regional. A colunista foi uma das primeiras mulheres piauienses a trabalhar em um jornal, conforme Santos (2018), durante uma década em que mulheres não racializadas estavam ingressando no mercado de trabalho no Brasil.

A alcunha de “papisa do Colunismo Social do Piauí” teria sido criada por Arimatéia Tito Filho, também jornalista. Por isso, torna-se importante compreender a configuração que tornou possível o seu papel dentro da redação e a escrita sobre o mundo feminino no colunismo social, bem como o lugar que sua coluna ocupa na duração da história.

A “PAPISA DO COLUNISMO SOCIAL DO PIAUÍ”

Tanto o relato autobiográfico para o livro de Magalhães (2002) quanto o livro de microbiografias “**10 Mulheres Antes da Hora**”, publicado por Rocha (2022), relatam que Elvira Raulino começou a trabalhar

na imprensa aos 13 anos, em uma rádio da União de Moços Católicos, noticiando para a juventude cristã informações da “alta sociedade” e temas políticos.

Posteriormente, assumiu o programa radialístico “**Mundanismo em Passarela**”, da Rádio Difusora, com conteúdo sobre a sociedade teresinense. Se sua participação na Pioneira era considerada pelos pais como extensão das atividades religiosas, na Rádio Difusora, segundo Rocha (2022), poderia não ser bem recebida por eles. Assim, assumiu o pseudônimo de Márcia Beatriz e apresentou o programa inicialmente sem o conhecimento dos pais.

Seus trabalhos para jornais impressos iniciaram no jornal ***O Compasso***, de Josípio Lustosa, seguido por uma coluna na ***Folha da Manhã***. Após convite de Volmar Miranda, passou a escrever para o jornal ***O Dia***, onde permaneceu por cerca de 30 anos, conforme Raulino (2002). A profissional também criou o jornal ***Diário do Piauí*** e voltou a trabalhar no ***O Dia***. Também passou pelo jornal ***O Estado***.

Há evidências de que seu relacionamento com elites piauienses, incluindo a política, abriu portas para Elvira Raulino, conforme seus relatos. Tanto no depoimento para Rocha (2022) quanto no capítulo autobiográfico para Magalhães (2002), há relatos de que Elvira Raulino fez campanha para a abertura da TV Rádio Clube do Piauí, em 1971, período em que se aproximou do ministro das Comunicações Higino Cassete, e a primeira TV do Piauí foi ao ar em dezembro de 1972. Para a instalação da TV Clube, em Teresina, Raulino (2002) afirma ter ajudado na instalação da primeira TV do Piauí e na venda de suas ações,

utilizando-se de sua rede de relacionamentos. No ano seguinte, a rádio foi ao ar. Além da venda de ações, Raulino destaca que o prédio onde a TV Clube foi instalada situava-se em terreno pertencente a seu pai.

Tática parecida teria sido usada para se aproximar de José Sarney e solicitar a concessão da Rádio São José dos Altos, alcançada em 1986, quando também havia três grupos políticos interessados. Para tornar isso possível, Elvira (2002) narra que insistiu sobre o assunto tanto com o político José Sarney quanto com sua família. Essa é apenas uma amostra de toda a sua atuação dentro do jornalismo e do colonismo social piauiense.

Sua relação com a elite vem do núcleo familiar e, como consequência, Raulino também estava inserida nas “altas rodas”, aproximando-se da política, chegando a ser eleita prefeita de Altos e a se candidatar a vereadora de Teresina. Apesar de inserida nesse núcleo político, Elvira Raulino (2002) considera o período mais difícil de seu trabalho a ditadura civil-militar no Brasil, devido aos censores, mas sua rede de contatos proporcionou favorecimentos, como viagens à Europa em período de estado de sítio, devido à influência do ministro Petrônio Portella, seu amigo.

A colunista coloca seu passado como “jovem revolucionária” e afrontadora da “moral e dos bons costumes” e da ordem estabelecida em torno do papel das mulheres. Apesar disso, em certo ponto de seu relato, Raulino (2002, p. 256) confessa certo conservadorismo, ao afirmar que fez “muitas loucuras para os costumes de uma sociedade cheia de padrões de comportamento. [...] No fundo, sou mesmo é muito tradicional e até moralista”.

O COLUNISMO DE ELVIRA RAULINO NO JORNAL *O DIA*

Mesmo que pesquisas sobre colunismo social no Piauí citem Elvira Raulino e sua importância, uma vez que os temas abordados por ela contribuem para a construção da representação das mulheres, particularmente daquelas consideradas da “alta sociedade”, nenhum desses trabalhos se dedica a tratar profundamente o assunto. Por isso, a importância da pesquisa exploratória para cobrir essa lacuna, conforme o acesso ao material.

A amostra disponível possibilitou traçar fragmentos de uma linha do tempo com as nomenclaturas recebidas pela coluna social escrita por Elvira Raulino para o jornal *O Dia*, entre 1965 e 1999: “*O Dia* em Sociedade” (julho e agosto de 1965), “Sociedade”, “Elvira Raulino e a Sociedade”, “Café Society... e Algo Mais” (setembro a novembro de 1969), “Comunicação” e “Top-top” (janeiro de 1973), “Aqui Sociedade” (janeiro de 1974 a setembro de 1975), “Elvira Raulino” (de setembro de 1975 até 1986). Entre 1987 e 1996, não houve coluna assinada por Elvira Raulino nesse periódico.

Nos dias 25 e 26 de abril de 1997, foram detectados anúncios ao fim da capa do caderno “*Torquato*” anunciando o retorno de Elvira Raulino ao jornal em “27 de abril”. Entretanto, o material disponibilizado pelo Arquivo Público do Piauí varia entre 26 e 28 de abril, não sendo possível confirmar o retorno da coluna na data anunciada.

De abril de 1997 a maio de 1998, a coluna retorna ao jornal como “Elvira Raulino: jornalismo por inteiro” e, em 1999,

já não era assinada mais sozinha. No *dia* 28 de abril, a coluna passou a ser publicada na terceira página do caderno “*Torquato*”, e ela continuou assinando a coluna sozinha até maio, sem possibilidade de precisar o *dia* exato. Em 18 de maio de 1998, a coluna passou a se chamar “Elvira e Mara”. Dessa forma, rastreou-se que, após retornar ao jornal *O Dia* nos anos 1990, Elvira Raulino assinou a coluna social sozinha por aproximadamente 14 meses.

No período em que assinou a coluna sozinha nos anos 1990, foi possível encontrar notas com temas como viagens, moda, música, empreendimentos em Teresina, shows, fé, inaugurações, eventos sociais e figuras políticas.

METODOLOGIA

Este artigo tem natureza qualitativa e constituiu uma pesquisa exploratória, buscando compreender um fenômeno ainda pouco estudado, e descritiva, uma vez que discorre, de maneira detalhada, aspectos da coluna social assinada por Elvira Raulino enquanto lugar de representação de mulheres em um jornal regional, permitindo uma análise do fenômeno sem descartar as subjetividades características das ciências sociais, uma vez que essa pesquisa une conceitos e aporte teórico a dados extraídos da análise da coluna social de Elvira Raulino.

Constituída pelas fases de revisão bibliográfica, pesquisa documental e análise do conteúdo, optou-se por nomear a metodologia adotada como “análise do

conteúdo” à luz da “Análise de Conteúdo” proposta por Bardin (1977) e não em detrimento dela. De maneira mais específica, a metodologia utilizada inspirou-se na AC do tipo categorial. Apesar de a metodologia utilizada não seguir, em completude, todos os passos propostos pela autora, seguiu-se caminho similar à metodologia de Bardin, de maneira simplificada, de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, mediante sua interpretação.

No levantamento bibliográfico, estiveram presentes discussões sobre imprensa regional, representação das mulheres, colunismo social e invisibilidade feminina. Em seguida, a contextualização do objeto de pesquisa ocorreu por meio de fontes documentais, a partir da leitura flutuante, resultante na pesquisa exploratória das colunas escritas por Elvira Raulino, publicadas no jornal *O Dia*, desde 1965 até 2010, rastreando sua atuação como colunista social para esse periódico, os nomes dados à coluna ao longo desse período e a consulta de livros e documentários que expusessem a sua trajetória profissional. Esse passo foi subsidiado por pesquisas realizadas no acervo dos jornais no Arquivo Público do Piauí. As informações coletadas nessa etapa permitiram a escolha dos documentos com amostra intencional, formulação de objetivos e hipóteses.

A partir de então, foi possível traçar quando a sua coluna recebeu o seu nome, bem como quando deixou de haver publicações de sua coluna em *O Dia*, até a retomada de seu colunismo social no jornal em 1997, e quando passou a publicar a coluna assinada junto à sua filha, Mara Beatriz. Diante dessa personificação, o foco desta pesquisa se concentrou em edições que levaram seu

nome e foram assinadas apenas por Elvira Raulino.

Foram elaboradas categorias de análise, espelhadas no método categorial de Bardin, que, alinhadas ao problema e aos objetivos propostos, resultaram em uma ficha de análise. Essa criação das categorias se deu a partir dos objetivos geral e específico, com a intenção de traçar a representação das mulheres na coluna.

Em seguida, após leitura exaustiva do material e qualificação de cada texto, palavra e informação nessas categorias, o conteúdo das colunas foi analisado. Observou-se, com maior ênfase, palavras utilizadas para qualificar mulheres, como adjetivos, e, para identificar as mulheres, substantivos como cargos e funções, bem como o contexto social, político e econômico em que apareciam.

Devido às lacunas de disponibilidade dos periódicos no Arquivo Público do Piauí, os períodos temporais analisados divergem na quantidade de anos e de edições disponíveis anualmente. Para sanar essa disparidade, um recorte temporal maior foi feito para a primeira etapa da análise, indo de 1975 até 1980, conforme cadernos disponibilizados para consulta. O segundo momento foi composto por uma breve fase em que Elvira Raulino assinou sozinha a coluna social no jornal *O Dia*, entre 1997 e 1998. Assim, foram selecionadas sete colunas em cada período, totalizando 14 edições publicadas, com intervalos diferentes entre elas. Para reduzir a não padronização da disponibilidade de edições utilizadas, optou-se por selecionar o primeiro *o dia* disponível dos meses escolhidos. Dessa forma, direcionou-se a análise para uma amostra de

dois recortes temporais, divididos em dois períodos: de setembro de 1975 a agosto de 1980 e de abril de 1997 a maio de 1998.

Tal amostra foi analisada conforme cinco categorias: “visibilidade”, “protagonização masculina”, “estereótipo”, “feminismo” e “outras”. A categoria de análise definida como “visibilidade” diz respeito às notícias consideradas positivas em termos de dar visibilidade ao papel da mulher na sociedade, como sujeito ativo e protagonista. Como exemplos disso, estão mulheres ocupando cargos públicos, mulheres empreendedoras e mulheres realizadoras de ações sociais.

O quesito “protagonização masculina” traz menções que representam a mulher de forma secundária, como esposa, noiva ou filha de uma figura masculina que a coluna traz como destaque social. Como exemplos desse quesito, estão mulheres intituladas como esposas de empresários, políticos e figuras públicas.

A categoria de análise “estereótipo” apresenta as notas que trazem a objetificação do corpo feminino, com grande realce à ideia de corpo ideal, de modelo de beleza e, ainda, o reforço, por meio de notas, de tarefas ou funções domésticas consideradas socialmente femininas, reforçando estereótipos.

Já a categoria “feminismo” engloba as menções a temáticas feministas, incluindo ações em prol da conquista ou manutenção de direitos das mulheres.

Por fim, a categoria de análise “outras” abarcou todas as notas que não se enquadraram nas categorias acima, como, por exemplo, aniversários e presenças em

eventos nas quais não houve qualificadores para as mulheres mencionadas, entre outros.

É importante frisar que algumas notas se encaixariam em mais de uma categoria de análise. Nesse caso, optou-se por classificá-las pela ordem em que se apresentaram no texto. Essa escolha metodológica se baseia no critério jornalístico da pirâmide invertida, no qual as informações consideradas pelo jornalista como mais importantes devem vir primeiro.

Buscou-se, então, responder ao problema de pesquisa e atingir os objetivos, não como o encerramento das explicações acerca do objeto, mas de modo a contribuir com a geração de conhecimento e abrir portas para a identificação de novos problemas.

A despeito de esta ser uma pesquisa qualitativa, a contabilização dos adjetivos e substantivos em torno das mulheres se tornou importante para enxergar um panorama da representação feminina, apresentando as categorias de análise com maior ou menor incidência. Portanto, pretendeu-se, por meio dos dados coletados, descrever sistematicamente a composição dessas categorias de análise, de forma a responder aos objetivos estabelecidos.

ANÁLISE E RESULTADOS

Este tópico apresenta os resultados da análise decorrentes dos dois períodos que compõem a amostra: de 1975 a 1980 e de 1997 a 1998. No primeiro momento, para

cada fase, é apresentada a contextualização da coluna no período em análise, trazendo um panorama da construção contida no material e outras observações que colaborem com a compreensão das notas analisadas. Em seguida, a pesquisa adentra nos resultados com o detalhamento dos achados por categoria de análise e, por fim, com um comparativo das análises dos anos em foco.

AMOSTRA DE 1975 A 1980

Para esse período, encontrou-se um número maior de edições nas quais a coluna “Elvira Raulino” foi assinada somente por ela própria. Diante disso, foram selecionadas as primeiras edições disponíveis de cada mês em setembro e outubro de 1975; novembro de 1976; fevereiro de 1977; abril de 1978; junho de 1979; e agosto de 1980, totalizando 7 colunas.

Levando em consideração que as colunas sociais são compostas por notas, elas foram analisadas individualmente, a cada edição.

ACHADOS POR CATEGORIA DE ANÁLISE (1975-1980)

Na análise das 7 edições da coluna “Elvira Raulino” que compuseram a primeira parte da amostragem, contemplando o período entre os anos de 1975 e 1980, foram contabilizadas 161 notas, das quais

65 mencionaram mulheres. Nessas notas, ocorreram 253 menções a mulheres, categorizadas levando em consideração adjetivos ou termos qualificadores da mulher citada e o contexto em que ela foi inserida no fato noticiado.

A amostra da coluna “Elvira Raulino”, entre os anos de 1975 e 1980, aponta para a incidência, em ordem decrescente, das categorias de análise “Outros” (~39,5%), “Protagonização Masculina” (~26,1%), “Visibilidade” (~24,9%), “Estereótipos” (~6,3%) e “Feminismo” (0%).

Os dados obtidos evidenciam a protagonização masculina em percentual próximo ao da visibilidade feminina, em um colunismo social que, por um lado, colocava mulheres com suas profissões ou atividades, como a filantropia, como carros-chefes de suas posições sociais e, por outro, propagava, por meio da imprensa, estereótipos e naturalização de arranjos de gênero, por meio do esforço social para encaixar os sujeitos dentro da binaridade homem-mulher (Biroli, 2011), estando essa atividade inserida no contexto da segunda onda do movimento feminista.

AMOSTRA DE 1997 A 1998

O retorno do colunismo social de Elvira Raulino ao jornal *O Dia* se incorporou no caderno *Torquato* com a coluna nomeada “Elvira Raulino: jornalismo por inteiro”. Vale ressaltar que, assim como no período anteriormente analisado, uma mesma coluna poderia mencionar mais de

uma mulher, sendo, assim, cada menção analisada individualmente.

Para esse período, foi utilizado o mesmo número de colunas do período anterior, com critério diferente de periodicidade. Isso porque, na década de 1990, quando Elvira Raulino retornou ao **Jornal O Dia**, ela assinou a coluna sozinha apenas entre abril de 1997 e maio de 1998. Por esse motivo, o número de exemplares possíveis, levando em consideração apenas o período em que Elvira Raulino assinou sozinha a sua coluna, totalizou 7 edições.

Para o período de retorno da colunista social ao jornal **O Dia**, optou-se por selecionar a primeira edição disponível a cada dois meses: abril, junho, agosto, outubro e dezembro de 1997; e fevereiro e abril de 1998, totalizando 7 edições para análise nesse recorte temporal, de forma a igualar o número de colunas sociais analisadas em cada período desta pesquisa. As 7 edições somaram 196 notas em suas colunas, das quais 82 mencionaram mulheres.

Da mesma forma que no período anterior, as notas que compuseram cada edição da coluna social também foram analisadas individualmente, a cada edição. No total, foram 146 menções a mulheres na amostra de 1997 e 1998.

Esse retorno da coluna de Elvira Raulino no jornal **O Dia** apresenta um novo delineamento do seu estilo de escrita. Na edição de 28 de abril de 1997, Elvira Raulino utiliza uma abordagem mais intimista, trazendo experiências pessoais para as notas.

Na coluna de 28 de abril de 1997, primeira disponível no Arquivo Público com o

retorno da colunista social, a publicação foi dividida visualmente com a presença dos chapéus “Espairecer”, “Paris”, “Teresinha”, “Canal”, “Londres”, “Monarquia”, “Dons”, “Picadinho”, “Dior”, “Rock”, “Presente”, “TV”, “Maneco”, “Presença” e “Points”.

O conteúdo dessa coluna centrou-se nas impressões de Elvira Raulino sobre sua viagem à Europa, discorrendo sobre aspectos da França, Inglaterra, Bélgica, Áustria, escândalos da monarquia inglesa, moda e música internacionais.

Achados por categoria de análise (1997-1998)

Da mesma maneira que no período anterior, esta fase da pesquisa considerou qualificadoras explícitas, como termos utilizados para qualificar essas mulheres, além do contexto em que elas foram mencionadas. Os resultados por categoria de análise se apresentaram da seguinte forma: foram encontrados materiais dentro das categorias de análise, da maior para a menor incidência, na seguinte ordem: outros (~47,9%), Visibilidade (~25,3%), Estereótipos (~17,8%), Protagonização Masculina (~8,9%) e Feminismo (0%).

O período em análise evidenciou uma queda da protagonização masculina na representação das mulheres, tendo maior destaque para a visibilidade feminina, conforme a conquista por espaço no mercado de trabalho, ainda que o trabalho doméstico feminino, em 2019, representasse 30% do “trabalho fundamental” de

mulheres, mesmo que estivessem inseridas no mercado de trabalho, como aponta Federici (2019, p. 77), e que, em pesquisa de 2023 do IPEA, ainda sobrecarregava as mulheres com trabalho doméstico e de cuidados, somando, em média, 11 horas semanais. Esse trabalho doméstico, em coexistência com o trabalho remunerado das mulheres, também ficou evidenciado nesta fase da pesquisa, uma vez que parte da categoria “Estereótipos” foi permeada pela representação das mulheres enquanto mães e esposas.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS DOIS PERÍODOS

Conforme os dados obtidos, observou-se que as mulheres representadas na coluna possuem caracterizações distintas se comparados os dois períodos estudados. No primeiro (1975-1980), coexistem a protagonização masculina e a visibilidade, seguidas da valorização do papel que desenvolvem no âmbito da família. No segundo período (1997-1998), o destaque dos resultados recai sobre sua atuação no mercado de trabalho, e há visível redução da protagonização masculina. Por outro lado, no segundo período de análise, o percentual de estereótipos, especialmente aqueles voltados ao papel familiar da mulher, cresceu.

O comparativo aponta decréscimo dos homens como protagonistas. Por outro lado, não existe ocorrência de menções que se encaixem na categoria Feminismo. Nesse sentido, o conteúdo das colunas assinadas por Elvira Raulino vai ao encontro

do contexto político dos dois períodos em análise, uma vez que, na primeira fase, o cenário mesclava a luta feminista, que eclodiu no Brasil e se consolidou ao final da década de 1970, em contraponto ao contexto político conservador da Ditadura Cívico-Militar. Nessa fase, o colonismo social de Elvira Raulino passava por uma dualidade, com percentuais próximos de menções envolvendo a visibilidade feminina (24,9%) e a protagonização masculina (26,1%), e o não engajamento das notas com o movimento feminista.

No primeiro recorte do estudo, restou mais evidente essa invisibilidade feminina, quando muitas mulheres ainda cumpriam funções familiares, como mães, esposas e donas de casa, na situação de trabalho doméstico e reprodução, tornando-se invisibilizadas. O uso de referências como “senhora” ou “casal”, seguido de nome e sobrenome masculinos, por vezes destacando a profissão do homem mencionado, reflete essa invisibilização ao não terem sequer seus primeiros nomes revelados.

Já a segunda fase situa-se em um contexto político de conquistas feministas, no final dos anos 1990, com aumento do número de mobilizações pela livre expressão, múltiplos espaços sociais, culturais e mesmo paralelos (Matos, 2010), e de reabertura política brasileira, com a redemocratização do país iniciada na década anterior. Essa fase da pesquisa apontou para uma redução das menções às mulheres à sombra de seus companheiros, pais ou outras figuras masculinas. A mudança na representação das mulheres no colonismo social assinado por Elvira Raulino foi evidenciada pela reorganização da ordem de ocorrência das categorias de análise, apontando

para 25,3% de visibilidade feminina e 8,9% de protagonização masculina. Apesar da redução desta última categoria de análise, o feminismo ainda esteve ausente no material analisado. Em vez disso, evidenciou-se um aumento do percentual de menções que se enquadram na categoria “Estereótipos”.

Embora haja crescimento do que Matos (2002) chama de “presença-visibilidade” na representação das mulheres mencionadas por Elvira Raulino no seu colunismo social, projetando uma mudança de olhar sobre o papel social e político das mulheres, e do conjunto político da luta feminista nos períodos em destaque, as mulheres, enquanto sujeitos sociais, ainda foram representadas sob o protagonismo masculino e sob estereótipos, tal como o trabalho doméstico nos anos 1960 e 1970, colocado por Federici (2019, p. 77) como “o principal campo de batalha para as mulheres” e sua busca por ingressar no mercado de trabalho.

Portanto, em diferentes proporções nos períodos em análise, Elvira Raulino reproduziu valores sociais como as mulheres no mercado de trabalho dentro da visibilidade feminina, mas sua prática também foi permeada pela protagonização masculina, mais acentuada no primeiro momento, representando mulheres como “algo de alguém”, um apêndice de homens, fossem eles pais, maridos, namorados ou filhos, além de replicar estereótipos ligados a atributos físicos, objetificação ou mesmo ao papel das mulheres enquanto donas de casa, esposas ou mães.

À luz de Bourdieu (1989), percebem-se representações sobre o feminino alicerçadas no senso comum sobre seus papéis

e valores, reproduzidos por uma mulher dentro de suas relações de poder e do capital simbólico e social (Bourdieu, 2004), com seu reconhecimento enquanto colunista e seu poder de selecionar quais pessoas eram ou deixavam de ser colunáveis, adquirido pela “Papisa do Colunismo Social do Piauí” como uma figura de autoridade no assunto. Por meio desse poder simbólico institucionalizado ao longo de suas práticas, a colunista selecionou os temas e as pessoas que lhe interessavam para compor os seus textos, retratando-as em posição de prestígio, conferindo-lhes status conforme o critério temporal, além dos aspectos sociais, econômicos e políticos, mas também de amizade e afetos ou desafetos da colunista.

Evidenciou, também, as reproduções sociais entre o masculino e o feminino defendidas por Bourdieu (1989), com a reprodução de ideias sobre os papéis e as qualificadoras utilizadas para se referir a mulheres, e parcialmente o pontuado por Buitoni (1986), na presença de temáticas consideradas de interesse feminino que dividiam espaço com conteúdos político-partidários nas páginas escritas por Elvira Raulino, e na ausência de temas feministas, por não terem sido encontradas na amostra notas com teor de defesa de uma causa por equidade entre gêneros.

Essas reproduções sociais também corroboraram a visão de Biroli (2011), ao propagar estereótipos de gênero, como aqueles relacionados a papéis sociais da mulher e à exaltação de qualidades físicas ou sociais dadas como desejáveis para mulheres, além da protagonização masculina e da naturalização dos arranjos e hierarquias definidos conforme cada período em foco.

Elvira Raulino, a partir do observado, também utilizava a coluna social como espaço permeado de capital simbólico e social, ao conquistar um lugar que foi se tornando sua personificação enquanto colunista e, ao longo da sua prática, tendo em suas mãos, dentro do periódico no qual estava inserida, o poder de selecionar quem teria relevância suficiente para ser mencionado em sua coluna social, seja com cunho informativo ou elogioso, fosse por críticas abertas e diretas ou por meio de provocações genéricas.

CONSIDERAÇÕES

Por um lado, o colunismo social alimenta vaidades dos considerados colunáveis e, por outro, proporciona ao leitor a sensação de proximidade com o mundo dessas pessoas, como uma espécie de vitrine do cotidiano daqueles considerados “importantes”, colocados em posição de prestígio social (Oliveira, 2021). Diante dessas características e com o intuito de pesquisar essas representações de gênero no âmbito da imprensa regional, esta pesquisa trouxe como objeto o colunismo social assinado por Elvira Raulino no jornal piauiense *O Dia*, com uma investigação de natureza qualitativa, exploratório-descritiva, por meio da análise do conteúdo aplicada à amostra dos períodos de 1975-1980 e 1997-1998.

Os primeiros registros de sua coluna social para *O Dia* aparecem em 1965, intitulada “*O Dia* em Sociedade”. A partir de então, foram encontrados registros de sua coluna neste periódico com os nomes

“Sociedade”, “Elvira Raulino e a Sociedade”, “Café Society... e Algo Mais”, “Comunicação”, “Top-top”, “Aqui Sociedade” e, finalmente, “Elvira Raulino”, a partir de setembro de 1975, até o ano de 1986.

De 1987 a 1996, embora os cadernos com os jornais estivessem disponíveis, não foram encontradas colunas assinadas pela jornalista. Já em abril de 1997, seu nome ressurgiu no periódico, escrevendo a coluna “Elvira Raulino: jornalismo por inteiro”, que assinou sozinha até 1998. A partir do ano seguinte, ela passou a assinar a coluna com sua filha, Mara Beatriz.

Embora não tenha sido foco desta pesquisa, vale frisar que a prática de Elvira Raulino enquanto colunista social passou por outros veículos, como rádio, televisão e web. Inspirada no método categorial de Bardin, a elaboração das categorias de análise, alinhadas ao problema de pesquisa e aos objetivos geral e específico, resultou em uma ficha de análise. A sua aplicação e a interpretação dos dados gerados, à luz da revisão bibliográfica, possibilitaram obter um panorama de como o colunismo social escrito pela jornalista para esse periódico contribuiu para a representação social das mulheres nos anos em análise.

O contato com todo o material evidenciou que, em seu colunismo social nesse periódico de abrangência regional, Elvira Raulino nem sempre mencionava mulheres, sendo possível encontrar também notas sobre política, no que tange a governos, citações religiosas, autopromoção e mesmo provocações sem nomes citados, apresentando colunas de caráter híbrido, com informações sobre o que acontecia na cidade e com as pessoas que ela considerava

colunáveis, com peso maior em sua opinião sobre os eventos narrados, mas também conteúdos que não obedeciam a critérios jornalísticos, como os componentes básicos de um lide. Refletiu-se, também, o capital simbólico (Bourdieu, 2004) adquirido pela colunista, cujo poder simbólico impôs sua visão sobre os colunáveis, fosse positiva ou negativa, e mesmo na constituição da sua coluna como um espaço para enviar recados ou indiretas.

Dentro do espectro político, também foi possível encontrar, durante a pesquisa exploratória, notas com conteúdos que apoiavam a Ditadura Militar, no que diz respeito ao ano de 1974, chegando a chamá-la de “Revolução”. Por outro lado, por vezes, sua coluna também deu espaço a notas nas quais ela teceu comentários fisicamente elogiosos a figuras masculinas.

Esses vestígios corroboram o que foi colocado por Fenelon, ao pontuar que Elvira Raulino apresentava duas faces, transgressora e conservadora, convivendo em si mesma. Também foi possível encontrar provocações, ofensas, recados, preconceitos e bajulações em sua coluna ao longo dos anos analisados.

Após a análise, foi possível compreender a importância da produção do colunismo social em um jornal regional no âmbito piauiense, em especial no que tange às representações sociais das mulheres, sob a luz de Bourdieu (1989), da invisibilidade feminina trazida por Federici (2019), especialmente no que se refere àquelas mulheres que exercem o trabalho doméstico não remunerado e dedicam suas vidas como “donas de casa”, cuidando de suas famílias e lares, bem como à propagação de

ideias sobre os supostos interesses femininos, como pontuado por Buitoni (1986), e à naturalização dos arranjos e hierarquias dados, muitas vezes colocando homens como protagonistas, e à propagação dos estereótipos de gênero (Biroli, 2011), como aqueles relacionados à sua função social ou a atributos desejáveis e/ou admiráveis para uma mulher, como beleza, simpatia ou mesmo a promoção de jantares bem apresentados e apetitosos.

Como contexto político e social, é importante ressaltar que os recortes temporais se inserem no da 2ª onda feminista (1960-1980), que focava na sexualidade, família, trabalho, direitos reprodutivos e igualdade, discutindo o público e o privado, e da 3ª onda feminista (a partir dos anos 1990), com olhar sobre política identitária, a interseccionalidade, entre outros aspectos.

A partir deste estudo, foi possível refletir sobre o colunismo social praticado por Elvira Raulino enquanto espaço pelo qual capital simbólico e social perpassam, pelo seu lugar conquistado enquanto profissional e, ao longo de sua prática, uma vez que tinha em suas mãos, enquanto colunista do periódico regional *O Dia*, o poder de escolher quem era ou deixava de ser relevante para ser elogiado ou criticado. Entre esses critérios, por vezes, encontrava-se a relação de proximidade que a colunista possuía com as mulheres mencionadas, visto que foi possível identificar notas nas quais ela se referia a elas como “minha amiga” ou em contextos que sugerem aproximação.

O estudo permitiu investigar como Elvira Raulino reproduziu valores sociais sobre as mulheres por meio da produção de conteúdo jornalístico nos períodos em foco,

categorizando as qualificadoras produzidas/reproduzidas para se referir a mulheres no conteúdo publicado na coluna assinada por ela. Entre os assuntos de destaque nos quais há menções a mulheres, estão aqueles de visível interesse do público frequentador de eventos sociais, como inaugurações de boutiques, casamentos, concursos de misses, jantares de bodas e aniversários, entre outros.

Em ambos os períodos estudados, restaram evidenciadas presenças de estereótipos de gênero e eufemização dessas mulheres, ao serem mencionadas como a “mulher” de alguém, porém em diferentes proporções. Observou-se que as mulheres representadas na coluna possuíam caracterizações distintas se comparados os dois períodos estudados, havendo, no primeiro, uma coexistência da protagonização masculina e da visibilidade em proporções parecidas, seguidas da valorização do papel que desenvolviam no âmbito da família, enquanto, no segundo período deste estudo, o destaque recaiu sobre seu protagonismo no mercado de trabalho, mas também sobre estereótipos, que apareceram em proporção maior que no período anterior. O material analisado trouxe reflexos da invisibilidade feminina apontada por Federici (2019), ao destacar o trabalho doméstico não remunerado, seja em um período no qual muitas mulheres dedicavam suas vidas a serem “donas de casa”, cuidando da casa, dos filhos e dos maridos, que eram os provedores do sustento familiar, como no recorte de 1975 a 1980, ou dividindo sua vida profissional com as funções domésticas, como a maternidade, nos anos 1990.

Ao comparar os dois períodos, percebeu-se acentuada queda no percentual

de ocorrências da protagonização masculina, em aparições nas quais, muitas vezes, as mulheres surgiam como apêndices dos homens, seja por terem seus sobrenomes suprimidos ou por serem citadas apenas como as senhoras de alguém. Por outro lado, cresceu a porcentagem de estereótipos femininos, em especial as menções nos papéis de esposas e de mães. Em contrapartida, não houve ocorrência do contrário, com homens citados como “maridos” de alguém, nem a associação do papel social de marido à identidade de gênero, o “senhor” de alguém. Essa redução da protagonização masculina e o crescimento da representação das mulheres enquanto profissionais no segundo período analisado corroboram o aumento significativo na taxa de atividade feminina no país nos anos 1990 e 2000, apontado por Barbosa (2014), que destacou a educação como fator positivo na probabilidade dessa participação no mercado de trabalho.

Não se pode esquecer que, conforme Bourdieu (1989), relações comunicacionais também são campo de disputa nas relações de poder. Apesar de também destacar profissionalmente algumas mulheres, ao utilizar a forma masculina como universal ou neutra, a coluna social analisada praticou exclusão literal e simbólica de mulheres em diversos casos. Trazendo um paralelo mitológico da representação feminina, como a exposta por Robles (2019), a mulher muitas vezes aparece como apêndice da figura masculina ou, como alegoria à crença ocidental cristã da criação humana, que admite a origem da mulher, representada por Eva, a partir de uma costela de Adão, esculpido em totalidade pelo ser criador, essa forma de retratar mulheres reflete a invisibilidade histórica e social feminina, apagando o seu

papel na sociedade ao utilizar “senhora” ou “casal” junto ao nome do marido.

Em seu colunismo social, Elvira Raulino reflete essas relações de gênero, contribuindo para a perpetuação da estrutura, no primeiro período de análise. Mas, apesar da redução dessa representação das mulheres como algo de algum homem, a presença de estereótipos se elevou, distanciando-se do olhar equânime e interseccional entre os gêneros que o feminismo defende.

Enquanto figura como colunista social, as práticas profissionais da jornalista Elvira Raulino proporcionam vasta possibilidade de abordagens, objetivos e metodologias. Apesar dessa vastidão de possibilidades e dos obstáculos encontrados ao longo desta pesquisa, este trabalho cumpriu o seu propósito, ainda que nem todas as lacunas tenham sido possíveis de serem preenchidas.■

**[SAMANTHA VIANA CASTELO BRANCO
ROCHA CARVALHO]**

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com atuação no Departamento de Comunicação Social (DCS) e no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM). E-mail: samanthacastelo@gmail.com

**[MAYARA STÉPHANE DE LACERDA
VALENÇA]**

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bacharela em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Piauí (2020), com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, e licenciada em História pela Faculdade Piauiense (2013). E-mail: mayaravalenca.academico@gmail.com

Referências

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Nota Técnica**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Brasília: Ipea, ago. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3736>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIROLI, Flávia. Mídia, Tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6., p. 71-98, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CASTELO BRANCO, Samantha. Regionalização midiática e Folkcomunicação: reflexões e diálogos. In: NOBRE, Itamar de Moraes; LIMA, Maria Érica de Oliveira. (org.). **Cartografia da Folkcomunicação: o pensamento regional brasileiro e o itinerário de internacionalização** – Volume I. Campina Grande: EDUEPB, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

IPEA. **Estudo aponta desigualdade de gênero no trabalho doméstico e de cuidados não remunerado no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Brasília, 04 out. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14024-estudo-aponta-desigualdade-de-genero-no-trabalho-domestico-e-de-cuidados-nao-remunerado-no-brasil>. Acesso em: 22 jan. 2024.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951 a 1954)**. 2014. 349 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2014.

MATOS, Maria Izilda S. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. **Margem**, São Paulo, n. 15, p. 237-252, 2002. Disponível em: <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m15mim.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31628>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MONTE, Regianny Lima. Entre táticas e estratégias: a relação do estado autoritário com a imprensa escrita em Teresina durante os anos de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTOS, Maria Lindalva Silva; MONTE, Regianny Lima (orgs.). **Diluir fronteiras: interfaces entre história e imprensa**. Teresina: EDUFPI, 2011.

OLIVEIRA, Nayara de Arêdes. **Colunista e colunáveis**: mulheres em representação no caderno Thais Bezerra. 2021. 226 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

PÁDUA, Aline Ferreira. Jornalismo e cidade: modernidade e desenvolvimento local nas páginas do A Notícia. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 21., Salto, 2016, Salto, SP. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0067-1.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2023.

RAULINO, Elvira. Elvira Raulino. In: MAGALHÃES, Dina. **Os segredos do sucesso de pessoas bem-sucedidas**. Teresina, 2002.

ROCHA, Fenelon (org.). **10 mulheres antes da hora**. 2. ed. Teresina: Edufpi, 2022.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. São Paulo: Aleph, 2019.

SANTOS, Darlan Roberto dos; CASTRO, Juliana Monteiro de. Jornalismo do Interior: Características, estigmas e seu papel na sociedade. Encontro Nacional de História da Mídia, 9., Ouro Preto, MG, 2013. **Anais** [...] Ouro Preto: UFOP, 2013. p. 1-13.

SANTOS, Nathércia Vasconcelos. **Moda e modos**: cultura de consumo no jornalismo de moda em O Estado e O Dia na década de 1970. 2018. 207 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QVnKzsbHFngG9MbWCFFPPCv/>. Acesso em: 16 out. 2022.